

Editorial

Em um dia chuvoso, de qualquer estação do ano, ao se deparar com o mundo a sua frente, um jovem, ao se ver refletido em suas ações, se depara com um universo cotidianamente injusto. Sim, essa era a sua vivência, injustiça. De início, se questiona acerca dos motivos que o levam a viver tal cenário, se de alguma forma, era também responsável por tal fenômeno. Ao se deparar com tais questionamentos, esse menino, geralmente pobre, preto e periférico, permanece ali sem respostas. Desamparado, perdido, confuso, violado, bem como, aguerrido, revoltado e por vezes violento, segue seu caminho, em busca de sentido.

De lá para cá, esse jovem passa então a querer entender o que ocorre em sua vida, sendo esse um dos principais motivos que o faz continuar sua caminhada. Nessa hora, *Esperança* é o nome dele. No decorrer desse caminho, percebe que não será tão fácil encontrar o que está buscando, por vezes, por não saber o que busca, por não se reconhecer nesse lugar de direito. O ser desejante pulsante, pulsa, mas sem saber o porquê, sem saber que pode, pulsa apenas para sobreviver.

Esse sobreviver começa a ganhar nome, identidade subjetiva, alcance social, força, poder e lugar no mundo. Nasce o adolescente em conflito com a lei, agora com um nome, com um papel, com um contorno. Contudo, uma senhora, aqui intitulada por *Sobrevivência*, oferta esse lugar ao jovem, mas em contrapartida, tem o seu preço, e o cobra muito bem.

Esse menino, em dívida, assume tal lugar pagante. O que ele oferta em troca? Qual preço que ele paga? Inicialmente, sua primeira oferta, como forma de pagar sua dívida, é retroativa. Passa a disponibilizar então sua infância, demonstrando que o seu pagar se inicia muito antes, deixando de lado seu brincar inocente. Não suficiente, a Sr^a *Sobrevivência* continua cobrando. Dessa vez, esse menino disponibiliza sua adolescência, e com ela, toda a força e potência digna de um jovem. Seu corpo, agora mais forte, torna-se objeto de desejo social, cultural e político. Por vezes, sem saber disso, esse menino terá seu corpo marcado, estigmatizado e corrompido. Nesse momento, sofrendo, vai perdendo o pouco que tem, pois as vezes, quase nada sobra para perder.

Após tanta oferta, podemos imaginar que a Sr^a Sobrevivência estaria satisfeita, e que esse menino estaria livre de qualquer dívida para se manter vivo. Engano nosso! Sem saber mais o que ofertar, esse jovem disponibiliza então a única coisa que o resta, sua vida. A partir desse momento, a batalha desse menino é tentar promover algum tipo de acordo com a Sr^a Sobrevivência, na tentativa de proteger sua própria existência. Ele sabe que a qualquer momento ele pode perdê-la, mesmo assim, ele ali permanece. Nos questionamos por qual motivo ele ali continua mesmo podendo perder sua própria vida. Esse jovem nos mostra, desesperançoso, que nesse momento, abandonar a Sr^a sobrevivência não garantiria a ele a certeza de sua existência. Refém, ali permanece tentando viver, porém apenas, sobrevivendo.

Na tentativa de ampliar o olhar sobre tais jovens, o presente volume da Pathos nos brinda com um encantador e provocativo passeio pelo universo infracional, envolvendo o cotidiano dos adolescentes em conflito com lei. Para tanto, trazemos diversos estudos e pesquisas envolvendo o ser e fazer de tais adolescentes.

Iniciamos tal percurso desafiador apresentando uma reunião de textos que versam sobre esse campo. O primeiro trabalho trata-se de um panorama do Sistema Socioeducativo em meio fechado no Brasil, estudo de extrema relevância face o obscurantismo vivido pelas Políticas Públicas nos últimos anos. Como forma de ampliação de olhar, apresentamos, na sequência, uma discussão sobre o ato infracional a partir do olhar da fenomenologia, suas contribuições e provocações. Dando continuidade, trazemos um trabalho que discorre sobre as experiências da psicoterapia breve na Socioeducação, utilizando como cenário investigativo a realidade institucional da Fundação Casa. Seguindo a proposta, apresentamos um artigo sobre a violência enquanto produto e sintoma social, ao que foi utilizado como base de análise as realidades de profissionais da socioeducação e suas vivências em contextos institucionais. Em outro trabalho, a experiência de duas psicólogas e um grupo com adolescentes em conflito com a lei em privação de liberdade. Outro artigo nos apresenta um recorte de uma pesquisa de doutorado, que propõe um estudo comparativo entre duas amostras envolvendo estudantes internos da Fundação Casa e estudantes da escola pública regular. Para fechar a seção de artigos, trazemos um texto que realiza uma análise do discurso acerca da Proposta de Emenda à Constituição - PEC 32 de 2019, a qual intenta sobre a redução da maioria penal.

Na sequência, passamos para a seção de Relatos de Prática, iniciando com a experiência de um coletivo que luta por garantia de direitos na área da Socioeducação em âmbito nacional. Em seguida, apresentamos o relato da prática de uma nutricionista da Fundação Casa, que apresenta de forma bastante interessante a garantia de escolha do que comer como um princípio norteador de direitos humanos. Seguindo a proposta, trazemos outro trabalho, dessa vez desenvolvido por estudantes de psicologia da região sul do Brasil, sobre um projeto de troca de cartas com adolescentes em Medida de internação durante a pandemia do COVID-19. Abrilhantando a seção, apresentamos o trabalho de uma assistente social e seu relato de caso acerca de um adolescente em cumprimento de Medida Socioeducativa em meio aberto. Na sequência, trazemos o desafiador trabalho de duas psicólogas da Fundação Casa, que desenvolveram um projeto piloto de estruturação e funcionamento de um Centro de Internação com base no pensamento da psicanálise de Winnicott.

Dando sequência, apresentamos a seção de resenhas de livro, iniciando pelo E-book da Fundação Casa, lançado no final de 2022, de nome: Sistema Socioeducativo: o olhar para a educação. Em seguida, apresentamos também o dedicado trabalho de uma psicóloga que realiza a resenha do livro recém-publicado: “Os Meninos de Heliópolis - O Ser e Fazer de adolescentes em conflito com a lei e a sintomática criminal” escrito pelo psicólogo e pesquisador em criminologia, ciências humanas e sociais, Ricardo Rentes.

Por fim, apresentamos um encarte proveniente da juntada dos trabalhos de finalização da disciplina sobre adolescentes em conflito com a lei, ministrada pelo professor Cristiano Rodineli, do curso de pós-graduação em Psicologia Jurídica da Universidade São Camilo.

Felizes e orgulhosos por tal construção, desejamos a todas as pessoas uma ótima leitura!

Editores